

## A Feição da Igreja no Pontificado do Papa Francisco

The Feast of the Church in the Pontificate of Pope Francisco

José Erivaldo Dantas\*

Recebido: 05/02/19

Aprovado: 16/05/19

### Resumo

O presente artigo traz à reflexão uma possível feição da Igreja do pontificado do papa Francisco, que consideramos ser uma Igreja pobre, missionária e acolhedora. *Uma Igreja de portas abertas*, que busca ser fiel à causa do Evangelho, em especial no encontro com os mais pobres da sociedade, considerados por Francisco os principais destinatários da missão da *Igreja em saída*. *Uma Igreja pobre e para os pobres*, que visa não a transmissão obcecada de doutrinas, mas o consolo acolhedor àqueles que, por algum motivo, se encontram distantes do anúncio do Evangelho. A missão da Igreja consiste em fazer com que todos se sintam acolhidos, amados, perdoados e animados, porque do coração do Evangelho podemos redescobrir a conexão íntima que existe entre a evangelização e a promoção humana (cf. EG n. 178).

**Palavras-chave:** Papa Francisco. Igreja pobre. Igreja missionária. Igreja acolhedora. Promoção humana.

### Abstract

The present article brings to the reflection a possible feature of the Church of the pontificate of Pope Francisco, whom we consider to be a poor, missionary and welcoming Church. *A Church with open doors*, which seeks to be faithful to the cause of the Gospel, especially in the encounter with the poorest of society, considered by Francis the main recipients of the *outgoing Church* mission. *A Poor Church and for the Poor*, which aims not at the obsessive transmission of doctrines but the welcoming comfort to those who for some reason are far from the proclamation of the Gospel. The mission of the Church is to make everyone feel welcome, loved, forgiven and animated, because from the heart of the Gospel we can rediscover the intimate connection that exists between evangelization and human promotion (EG n. 178).

**Keywords:** Pope Francisco. Poor church. Missionary church. Welcoming church. Human promotion.

### Introdução

---

\* José Erivaldo Dantas é licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção – UNIFAI e bacharel em Teologia pela Escola Dominicana de Teologia – EDT. Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: erivaldodantas@gmail.com.

Cada papa, ao longo da história, buscou construir o seu pontificado respondendo às exigências da Igreja, presente num tempo, e da sociedade vigente no seu pontificado. Francisco, 266º papa da Igreja Católica, tem se apresentado, desde a sua primeira aparição, como portador de um carisma especial, reformador, imprimindo uma feição jamais vista à Igreja. *Com simplicidade e ousadia tem pautado uma reforma de alcance ainda desconhecido para as compreensões e práticas da Igreja* (PASSOS, 2014, p. 291). Sua figura simples e humilde, sua fala direta e clara, seus gestos proféticos, seu programa de renovação eclesial, contagiaram não só os católicos, mas grande parte da população do planeta (MIRANDA, 2017, p. 175).

Quando falamos de *feição*, estamos nos referindo às principais características que Francisco tem buscado imprimir durante o seu pontificado, sem a pretensão de afirmar categoricamente que as características aqui apresentadas sejam um resumo fechado da feição do Pontificado da Igreja do papa Francisco. Até mesmo porque estamos falando de um pontificado em curso, ou seja, em pleno exercício.

Francisco é um papa que deseja e promove uma *Igreja pobre e para os pobres*. O que não significa uma simples opção, mas a prática consciente de que acolher os pobres é parte constitutiva da fé cristã, um dado que não pode ser reduzido a ideologias ou correntes filosóficas, mas que está no cerne mesmo da fé cristã. De modo que, se a Igreja deseja ser fiel ao Evangelho, não pode se esquecer dos pobres. *Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho* (cf. EG n. 48). A opção pelos pobres está na raiz da *práxis* do papa Francisco, que leva a Roma a sua experiência teológico-pastoral latino-americana.

Ser uma Igreja pobre e para os pobres é ser uma Igreja que opta não pela rigidez autodefensiva, nem busca se refugiar nas próprias seguranças, mas uma Igreja que procura levar a todos a consolação de Jesus por meio da proclamação da Palavra, que tem como objetivo chegar a todos, e não a um grupo seletivo de cristãos, separados do mundo. Por isso, o convite do papa Francisco para uma *Igreja em saída*, uma Igreja com portas abertas, capaz de acolher a todos, indistintamente, porque a missão não exclui nem uniformiza. A missão da Igreja consiste em fazer com que todos se sintam acolhidos, amados, perdoados e animados, porque do coração do Evangelho podemos redescobrir a conexão íntima que existe entre a evangelização e a promoção humana (cf. EG n. 178).

A partir do exposto, o que pretendemos neste artigo é discutir uma possível feição da Igreja do pontificado do papa Francisco, que consideramos ser uma Igreja *pobre*,

*missionária e acolhedora*. Uma Igreja que não se prende a uma obsessão doutrinária, à força, mas que busca levar o Evangelho a todos, em especial os pobres, principais destinatários da mensagem evangélica.

## **1. Uma Igreja Pobre e para os pobres.**

O desejo de uma Igreja pobre é uma marca presente no pontificado de Francisco desde o princípio, justificado pela escolha do próprio nome, que, segundo ele (2013), – Francisco – *é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criação*. Um nome para fazer jus ao pedido do amigo pessoal, Cardeal Cláudio Hummes, que o aconselhou a não se esquecer dos pobres. Interpelado pelas palavras de Hummes, Francisco, no seu primeiro encontro com os representantes dos meios de comunicação social, em 16 de março de 2013, reforçou o seu desejo: *Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!* (FRANCISCO, 2013).

A exclamação de Francisco ganhou mais força em 24 de novembro de 2013, dia da publicação da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho. A partir dessa exortação, o papa traça as diretrizes para a Igreja, a fim de apresentar ao mundo a feição eclesial que ele deseja construir durante o seu pontificado. Nela, o papa convida cada cristão e cada comunidade a ser instrumento de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres (cf. EG n. 187). *Deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade* (EG n. 186).

Deste modo, Francisco afirma:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus *manifesta a sua misericórdia antes demais a eles*. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem *os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus* (Fl 2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja (EG n. 198).

A opção pelos pobres não é, portanto, um simples gesto de bondade do Papa, mas a convicção da fé em Cristo Jesus que, *sendo rico, se fez pobre* (2 Cor 8,9). Porque Jesus, o evangelizador por excelência e o Evangelho em pessoa, identificou-se especialmente com os mais pequeninos (cf. Mt 25, 40). Nesse sentido, todos os cristãos são chamados a cuidar

dos mais frágeis da Terra (cf. EG n. 209), porque estes, segundo o Papa, têm lugar especial no coração de Deus (cf. EG n. 197).

Nessa mesma perspectiva, Libânio afirma que a opção pelos pobres é parte constitutiva da fé cristã, de modo que

não existe fé cristã sem opção pelos pobres. Faz parte, portanto, da raiz mesma da fé. Não se trata de nenhum sociologismo nem antropologismo, mas decorre da própria revelação. Não se baseia, como adversários conservadores acusam, em traços da análise marxista. Funda-se na própria opção que Deus Pai fez pelo pobre, representado pela clássica trilogia do Antigo Testamento: a viúva, o órfão e o estrangeiro (LIBÂNIO, 2014, p. 84).

Afirmar o desejo de uma Igreja pobre e para os pobres é, nesse sentido, manifestar a vontade imprescindível de corresponder plenamente à mensagem do Evangelho, que não deixa dúvidas quanto à sua raiz mais profunda. Porque *quem pretende amar como Jesus amou, deve assumir o seu exemplo, sobretudo quando somos chamados a amar os pobres* (FRANCISCO, 2017).

### **1.1. Dia Mundial do Pobre.**

Com o objetivo de fortalecer a opção evangélica pelos pobres o papa Francisco instituiu, em 2017, o Dia Mundial do Pobre, a ser celebrado a cada ano, no penúltimo domingo do ano litúrgico. Um dia que visa ajudar a humanidade a conscientizar-se de que *partilhar com os pobres permite-nos compreender o Evangelho na sua verdade mais profunda. Os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do Evangelho* (FRANCISCO, 2017). Este dia deve colaborar efetivamente com a evangelização no mundo contemporâneo porque, conforme Francisco, na mensagem para o 1º Dia Mundial do Pobre,

a pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro. Como é impiedoso e nunca completo o elenco que se é constrangido a elaborar à vista da pobreza, fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada! Infelizmente, nos nossos dias, enquanto sobressai cada vez mais a riqueza descarada que se acumula nas mãos de poucos privilegiados, frequentemente acompanhada pela ilegalidade e a exploração ofensiva da dignidade humana, causa escândalo a extensão da pobreza a grandes setores da sociedade no mundo inteiro. Perante este cenário, não se pode permanecer inerte e, menos ainda, resignado (FRANCISCO, 2017).

Ao celebrar, portanto, o 1º Dia do Pobre, 19 de novembro de 2017, Francisco afirmou que, *para nós, é um dever evangélico cuidar deles, que são a nossa verdadeira riqueza; e fazê-lo não só dando pão, mas também repartindo com eles o pão da Palavra, do qual são os destinatários mais naturais. Amar o pobre significa lutar contra todas as*

*pobrezas, espirituais e materiais* (FRANCISCO, 2017). No *Angelus* deste mesmo dia, o papa Francisco fez votos de que *os pobres estejam no centro das nossas comunidades não só em momentos como este, mas sempre; porque eles estão no coração do Evangelho, neles encontramos Jesus que nos fala e nos interpela através dos seus sofrimentos e das suas necessidades* (FRANCISCO, 2017).

Celebrar o dia do pobre não é celebrar a pobreza, mas conscientizar-se da necessidade de se fazer jus à mensagem do Evangelho, que é clara quanto a esta opção, não só em palavras, mas em gestos concretos. Um convite a estendermos a mão com a força da solidariedade e da esperança através da proclamação da Palavra e de ações concretas, a fim de que a ação transformadora do Evangelho renove o mundo.

## **1.2. O pobre na Igreja.**

Embora a opção pelos pobres seja parte constitutiva da identidade da Igreja, como afirma Libânio (2014, p. 84), é fato que essa nunca foi uma opção pacífica. Muito já se refletiu e grandes discussões foram realizadas sobre o verdadeiro papel da Igreja na sua missão de evangelizar. O ponto forte da Igreja na opção pelos pobres foi quando, na América Latina, se desenvolveu a chamada Teologia da Libertação,<sup>1</sup> uma *teologia da práxis*, cuja *originalidade consiste na sua dupla relação teórica e prática com a prática* (LIBÂNIO, p. 9). Uma teologia com olhar especial para o pobre a partir de sua dimensão social, política e religiosa.

Muitos se têm perguntado que pelo fato de o atual papa Francisco provir da América Latina, seja um adepto da teologia da libertação. Esta questão é irrelevante. O importante não é ser da teologia da libertação, mas da libertação dos oprimidos, dos pobres e injustiçados. E isso ele o é com indubitável claridade (BOFF, 2013).

Para Boff, mais importante que classificar o papa Francisco numa determinada corrente teológica, é perceber suas ações de libertação, de encontro com os necessitados, e de uma opção eclesial pobre e para os pobres. Pois ainda que o Papa esteja realizando no seu pontificado a intuição primordial da Teologia da Libertação, que segundo Boff consiste no fato de ter dado centralidade ao pobre, *não importa que o papa Francisco não use a expressão teologia da libertação. O importante mesmo é que ele fala e age na forma de libertação* (BOFF, 2013).

Deste modo, Boff afirma:

---

<sup>1</sup> *A teologia da libertação nasce do propósito de fazer viva a mensagem de Cristo em e a partir de situações que conhecem uma maciça e desumana pobreza* (GUTIÉRREZ, 2000, p. 210).

É até bom que o Papa não se filie a nenhum tipo de teologia, como a da libertação ou de qualquer outra. Seus dois antecessores assumiram certo tipo de teologia que estava em suas cabeças e se apresentava como expressões do magistério papal. Em nome disso se fizeram condenações de não poucos teólogos e teólogas (BOFF, 2013).

E Francisco de Aquino comenta:

Não obstante as reservas, ponderações, restrições e até perseguições que se deram nas últimas décadas aos setores eclesiais mais comprometidos com os pobres e vinculados à teologia da libertação na América Latina, o ser *dos pobres* ou a *opção pelos pobres* foi se afirmando e se consolidando como uma característica ou uma nota fundamental e constitutiva da Igreja de Jesus Cristo. E tudo isso ganha nova atualidade e adquire novas dimensões e proporções com o novo bispo de Roma, na medida em que põe no centro do seu ministério pastoral o desafio de uma *Igreja pobre e para os pobres* (AQUINO JUNIOR, 2016, p. 633).

A opção pelos pobres ganha, portanto, força na feição de Igreja proposta pelo papa Francisco, uma feição que vai além de ideologias ou correntes filosóficas, mas que busca assumir com afinco a práxis de Jesus, por meio de uma hermenêutica pautada não apenas em elucubrações teológicas, mas que traz para o centro da reflexão os pobres e suas necessidades mais urgentes. *Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho* (EG n. 48).

### **1.3. A identidade da Igreja.**

Muitas das divergências na Igreja, quando se fala da opção pelos pobres, surgem porque *se ouve às vezes preocupações a respeito do sentido religioso de sua missão: não se estaria afastando a Igreja de sua própria tarefa e pagando assim o alto preço de sua identidade?* (GUTIÉRREZ, 2000, p. 209). Porém, Gutierrez afirma que pelo contrário, pois quando a Igreja se solidariza com os pobres ela encontra a sua própria identidade, porque

A identidade da Igreja consiste em estar do lado do Deus de Jesus Cristo que ama qualquer pessoa e que tem predileção pelos últimos, pelos pobres. Não há perda de identidade quando neste contexto levamos em conta o que as colunas da Igreja pediram a Paulo: lembrar-se dos pobres (cf. Gl 2,10) (GUTIÉRREZ, 2000, p. 210).

Assumir a opção pelos pobres não pode ser, para a Igreja, motivo de medo ou de insegurança sobre a sua identidade, porque a identidade da Igreja é a mesma de Jesus, que nos ensinou o *caminho de reconhecimento do outro, com suas palavras e com os seus gestos* (EG n. 194). Neste sentido o papa Francisco nos convida a *não nos preocuparmos só em não cair em erros doutrinários, mas também em ser fiéis a este caminho luminoso de*

*vida e sabedoria* (EG n. 194). De modo que, ainda que não sejamos capazes de manifestar adequadamente a beleza do Evangelho, para Francisco há um sinal que nunca poderá faltar: *a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta* (EG n. 195).

É condição incontornável para ser cristão a abertura para o irmão mais pobre. Nesse sentido, faz-se mister que as comunidades de vivência, de espiritualidade, de celebração descubram cada vez mais explicitamente a presença do pobre, como exigência da autenticidade de sua espiritualidade. Do contrário, elas não responderão à exigência fundamental do evangelho (LIBÂNIO, 2007, p. 271).

Os pobres têm muito a nos ensinar. É necessário que nos deixemos evangelizar por eles, buscando descobrir neles o Cristo que habita em cada um (cf. EG n. 198). Essa é a identidade que o papa Francisco vem tentando construir, a feição de uma igreja pobre que não tem medo de ser pobre para *reconhecer a força salvífica de suas vidas e colocá-los no centro do caminho da Igreja* (EG n. 198).

## **2. Uma Igreja missionária.**

O segundo aspecto que consideramos importante na feição da Igreja do pontificado de Francisco é a missão.<sup>2</sup> Como ele mesmo afirma, *é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo* (EG n. 23). Ou seja, é um convite a sair, de modo que o Evangelho possa iluminar todas as realidades que precisam de sua Luz. A Igreja não pode ficar tranquila, em espera passiva, em seus templos, de modo que se faz necessário passar *de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária* (EG n. 15).

Conforme Panazzolo, a missão foi uma das primeiras práticas da Igreja, a qual jamais poderá ser colocada em segundo plano, porque faz parte da sua natureza. Deste modo, ele afirma:

A missão é uma realidade da qual a Igreja não pode se omitir. Ela é por natureza missionária. O envio missionário era e é uma questão vital. A missão foi primeiramente

---

<sup>2</sup> O sentido da palavra missão é simples e claro: pela etimologia, significa enviar. É o envio de uma pessoa ou de pessoas para determinado lugar ou situação com determinada finalidade ou tarefa, para uma pessoa ou mais. Neste sentido etimológico, propriamente, não especifica o caráter da missão. Não tem, ainda, nenhum envolvimento vital. Pode exprimir tarefas diversas relacionadas a diferentes dimensões da vida social, cultural, política, religiosa, espiritual... É necessário, pois, ver a natureza ou o caráter da atividade/tarefa que o enviante confia ao enviado. Deve-se também determinar o destinatário. Por isso, o conceito de missão é mais amplo, mais envolvente, principalmente para a dimensão religiosa, para o cristianismo. A missão compreende a pessoa que envia com uma mensagem, o enviado que deve anunciar ou testemunhar e o destinatário que recebe a mensagem (PANAZZOLO, 2006, pp. 13-14).

prática. A Igreja nasceu e viveu a missão antes de saber o que era missão. A experiência de vida, do *estar com Jesus*, era seu anúncio e testemunho (PANAZZOLO, 2006, p. 16).

Francisco compreende, e bem, que a missão é uma questão vital da Igreja, faz parte da sua natureza. Entretanto, ele chama atenção para o verdadeiro sentido missionário, que não se resume numa obcecada transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que tentam impor à força. Para Francisco, assumir um estilo missionário é fazer com que a mensagem evangélica chegue a todos, sem exceções nem exclusões, de modo a se tornar mais convincente e radiosa (cf. EG n. 35).

Por meio das ações de uma Igreja missionária, Francisco deseja que chegue a todos *a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus, que opera misericordiosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas* (EG n. 43). Isso só será possível se a Igreja reconhecer que jamais poderá optar pela rigidez autodefensiva ou refugiar-se nas próprias seguranças (cf. EG n. 45). *Porque quando a pregação é fiel ao Evangelho, manifesta-se com clareza a centralidade de algumas verdades e fica claro que a pregação moral cristã não é uma ética estoica [...] não é uma mera filosofia prática nem um catálogo de pecados e erros* (EG n. 39).

Conforme Panazzolo:

Missão é testemunhar, em todo o mundo, o que está acontecendo em nós. É diferente de só realizar tarefas ou da ambição expansionista. Manifesta-se em atividades, mas acontece, primeiramente, em nós. É vida que deve chegar a todos e em todos os tempos para ser vivida e testemunhada em comunhão, na fraternidade, em comunidades, por meio de novas relações com Deus, com as pessoas e com a natureza (PANAZZOLO, 2006, p. 93).

Nesse sentido, o papa Francisco afirma que *todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que sem olhar nossas imperfeições, nos oferece sua proximidade, sua Palavra, sua força, e dá sentido à nossa vida* (EG n. 121). Ou seja, *ter a disposição de levar aos outros o amor de Jesus; e isso sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho* (EG n. 127).

## **2.1. «Igreja em saída».**

Diante dos desafios da missão, o Papa convida a Igreja a uma *saída* missionária. Ou seja, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (cf. EG 20). Segundo o papa Francisco, *a Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que primeiram, que se envolvem, que*

*acompanham, que frutificam e festejam* (EG n. 24), com o propósito de fazer com que a Igreja chegue àqueles que estão afastados ou que por algum motivo foram excluídos, a fim de convidá-los à comunhão com a Igreja, porque *a Igreja em saída é uma Igreja com as portas abertas* (cf. EG n. 46), chamada a ser sempre casa aberta do Pai (cf. EG n. 47).

Contudo, o papa Francisco ressalta que *sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa sair pelo mundo sem direção nem sentido* (EG n. 46). E esse é um risco que se corre quando se toma o conceito de *Igreja em saída* ao pé da letra, sem observar as exigências correspondentes a esse conceito. Igreja em saída é sim, na visão do papa Francisco, uma Igreja que sai da comodidade dos seus templos para ir ao encontro dos menos favorecidos da sociedade, mas é também uma Igreja capaz de abrir suas portas para acolher todos aqueles que queiram entrar, sem a necessidade de uma *vistoria alfandegária* ou que eles tenham que bater à porta e perguntar se é permitido entrar ou não. Porque muitas vezes a Igreja age como controladora da graça e não como facilitadora. Desse modo, Francisco não deixa dúvidas: *a Igreja não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigosa* (EG n. 47).

Passos afirma:

A Igreja em saída é a Igreja do provisório e não do definitivo; a Igreja que dentro da História que muda inevitavelmente é capaz de discernir a si mesma e renovar-se no anúncio de Jesus Cristo encarnado: presente por seu Espírito na precariedade do tempo, nas culturas, nas religiões, nas conquistas das ciências e presente sacramentalmente nos pobres e na Igreja (PASSOS, 2014, p. 293).

Nesse sentido, o papa Francisco é enfático: *todos podem participar de alguma forma, da vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer* (EG n. 47). A Igreja, torna-se, portanto, uma casa aberta a todos, de modo especial aos mais fragilizados.

*A Igreja em saída é missão, e*

A missão está sempre relacionada com o *mundo*. Não existe nenhuma missão no abstrato, no vácuo, fora do tempo, do espaço e das culturas. Missão é o encontro de Deus com o mundo, do divino com o humano. Missão é um processo de integração, de relação, de comunhão, de urgência e não se realiza sem tensões e lutas (PANAZZOLO, 2006, p. 101).

Deste modo, podemos entender que a missão *não exclui ninguém nem uniformiza. Ela é universal, solidária, constrói a unidade na diferença, [...] acolhe a todos na comunhão* (PANAZZOLO, 2006, p. 102), uma vez que a mensagem do Evangelho é para todos, dirigida a todos para a salvação de todos. E, por isso, a Igreja precisa transformar

suas estruturas e seus modos pastorais, orientando-os de modo que sejam missionários. Não se pode permanecer em um estilo *de clientela*, no qual passivamente se espera o cliente ou freguês vir à sua procura (cf. QUEVEDO, 2015, p. 66).

## **2.2. Conversão pastoral e missionária.**

Para que a Igreja possa atender ao apelo do papa Francisco, que deseja ver uma *Igreja em saída*, é necessário que, antes de tudo, se comprometa a trilhar o caminho que ele chama de *conversão pastoral e missionária*, de modo que mudanças possam acontecer, porque, segundo ele, *não se pode deixar as coisas como estão*. Ou seja, para Francisco, não basta uma *simples administração*, é preciso que a Igreja se coloque em permanente estado de missão em todas as partes da Terra (cf. EG n. 25).

O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: *Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma* (EG n. 26).

É neste espírito de reforma que Francisco sonha com uma *opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação* (EG n. 27).

Porque, segundo Passos,

a Igreja que permanece em si mesma reproduz-se sobre si mesma e se torna burocrática. Torna-se, com certeza, uma Igreja forte e bem organizada, uma Igreja com leis e papéis bem definidos e com mecanismos gestores eficientes. No entanto, troca os fins - sua fidelidade a Jesus Cristo que veio para servir e não para ser servido (Mt 20,28) - pelos meios - sua organização institucional. A Igreja que se identifica com sua institucionalidade mostra, antes de tudo, a legalidade, o poder e a ordem que podem facilmente se tornar legalismo, autoritarismo e burocratismo (PASSOS, 2014, p. 290).

Nesse sentido, o Papa ressalta que a Igreja precisa ser fiel à sua própria vocação para que o projeto missionário de uma *Igreja em saída* não se corrompa em pouco tempo. Porque segundo ele, *há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador* (EG n. 26) e, conseqüentemente, impedir que a Igreja assuma a necessidade de uma reforma perene.

Ao apresentar o desejo de uma *conversão pastoral*, Francisco não se refere apenas às Igrejas locais e dioceses, mas a todas as estruturas da Igreja universal, inclusive o papado, que ao realizar suas atividades como Bispo de Roma, tem a obrigação de

permanecer aberto às sugestões tendentes para o bom êxito do exercício do seu ministério, e, assim, possa ser mais fiel ao significado que Jesus Cristo pretendeu dar-lhe e às necessidades atuais de evangelização (cf. EG 32).

Nessa perspectiva, Francisco observa que *cada ensinamento da doutrina deve situar-se na atitude evangelizadora que desperta a adesão do coração com a proximidade, o amor e o testemunho* (EG n. 42). Porque, *a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração* (EG n. 14). Dentro desse processo de conversão, a Igreja poderá também reconhecer que alguns costumes próprios não estão necessariamente ligados ao núcleo do Evangelho, mas radicados no curso da história, de modo que a Igreja não pode ter medo de revê-los. Tais costumes podem até ser belos, afirma Francisco, mas já não prestam, nos nossos dias, o mesmo serviço à transmissão do Evangelho (cf. EG n. 43). Assim, podemos entender que o desejo de Francisco é ver uma Igreja que não esteja preocupada em ser o centro ou presa num emaranhado de obsessões e procedimentos (cf. EG n. 49), mas que seja capaz de sair e ir ao encontro daqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos (cf. EG n. 48).

### **3. Uma Igreja acolhedora.**

Quando o papa Francisco afirma que a *Igreja em saída* é uma Igreja de portas abertas (cf. EG n. 46), significa que a Igreja se encontra de alguma forma com suas portas fechadas e que, por isso, necessita abri-las para acolher todos aqueles que, por algum motivo, se encontram hoje *excluídos*, impossibilitados de professar a fé, por serem considerados, muitas vezes, incompatíveis com as normativas doutrinárias da Igreja.

Dentro dessa consideração das várias portas da Igreja, para Francisco, as portas que nunca deveriam ser fechadas, para ninguém, são as portas dos sacramentos, de modo especial a que ele chama de primeira *porta*: o Batismo (cf. EG n. 47). Porque, segundo o papa, *mais do que o temor em não falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: Dai-lhes vós mesmos de comer (Mc 6,37)* (cf. EG n. 49). Assim,

o Evangelho não pode ser engessado pela doutrina exata e fixa que dispensa a busca da verdade na teoria e na prática. Ao evangelho da segurança vale a observação de Francisco no encerramento do Sínodo para a Família 2015. Sobre o significado do evento, dizia que *testemunhamos a todos que o Evangelho continua a ser, para a Igreja, a fonte viva de novidade eterna, contra aqueles que querem endoutriná-lo como pedras mortas para as jogar contra os outros* (PASSOS, 2016, p. 168).

Nessa direção, Passos ainda afirma que *uma Igreja sem Evangelho é uma empresa burocrática ou um grupo fechado em torno de rituais e regras* (PASSOS, 2016, p. 169). Não se pode esquecer que *o Evangelho é convite à sensibilidade para com o ser humano; à solidariedade com a condição humana, particularmente com a condição mais vulnerável e sofredora* (PASSOS, 2016, p. 170). Porque se a Igreja se fechar em si mesma corre sério risco de perder o seu carisma fundante.

Assim, Francisco reconhece que grande parte dos batizados não sente sua pertença à Igreja, devido à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas paróquias e comunidades, ou porque a forma como a Igreja lida com os problemas, sejam eles simples ou complexos, resume-se muitas vezes à burocracia, que em vez de aproximar as pessoas, as torna cada vez mais distantes, de modo que no lugar de uma evangelização da pastoral, predomina o aspecto administrativo sobre a pastoral ou a sacramentalização que não gera cristãos comprometidos com a causa do Evangelho (cf. EG n. 63). Isso significa dizer que

se continuarmos a insistir numa linguagem inadequada e ininteligível, embora correta e ortodoxa, em elaborarmos discursos doutrinários e morais sem considerar devidamente as pessoas concretas, em dar mais valor à letra do que ao espírito, então a mensagem evangélica perde seu fascínio, sua força atrativa, sua potencialidade de despertar esperança e felicidade, de aliviar sofrimentos e encorajar iniciativas benéficas (MIRANDA, 2017, p. 59).

Para Francisco *a Igreja deve ser lugar de misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho* (EG n. 114). É um repensar o cristianismo a partir do Evangelho, recuperando sua simplicidade e sua profundidade, que, segundo Miranda (2017, p. 156), poderá ser a solução para corrigir o hiato entre fé e vida, entre o cristianismo e a sociedade, entre o sagrado e o humano, realidades que, embora distintas, estão profundamente unidas.

### **3.1. Igreja, lugar da misericórdia de Deus.**

Quando o papa Francisco convocou, em 11 de abril de 2015, o Ano Santo da Misericórdia, deixou claro que a missão da Igreja é anunciar a misericórdia de Deus, que segundo ele é o coração pulsante do Evangelho, porque para a Igreja é importante

*contemplar o mistério da misericórdia. [Que] é fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação* (FRANCISCO, 2015). Nesse sentido, o Papa nos assegura que

Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado (FRANCISCO, 2015).

Entretanto, o papa Francisco não hesita em afirmar que *a misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa* (FRANCISCO, 2015). Partindo disso, não podemos esquecer:

O Deus dos cristãos não é apenas o Deus da lei, mas o Deus misericordioso que nos acompanha ao longo de nossa existência, que nos conhece melhor do que nos conhecemos, que nos criou para vivermos com ele uma eternidade feliz. Ele não quer uma obediência servil, mas uma adesão consciente e adulta que brote de nosso coração (MIRANDA, 2017, p. 183).

A fé cristã não pode ser resumida a um conjunto de normas e regras impostas de cima para baixo, que em vez de criar comunidade, ou seja, comum-idade, cria divisões e sectarismos na sociedade, como se a fé cristã fosse privilégio de alguns que se consideram fiéis praticantes da ortodoxia da Igreja, e que, por isso, se sentem no direito de julgar e condenar os demais, distanciando-os cada vez mais do amor misericordioso de Deus. Cada vez que a Igreja se impõe, ela fecha suas portas e afasta do seu círculo aqueles que, segundo Francisco, se encontram feridos por antigas divisões (cf. EG n.100), e a mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter *o perfume do Evangelho* (EG n.39).

É nesse sentido que o papa Francisco convida a Igreja e reconhecer que *a salvação, que Deus nos oferece, é obra da sua misericórdia [...] Por pura graça, Deus atrai-nos para nos unir a si. A Igreja é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecida por Deus* (EG n.112), de modo que a salvação que Deus realiza, e a Igreja que jubilosamente a anuncia, é para todos e não para um grupo exclusivo, um grupo de elite (cf. EG n.113). Ou seja, *a revelação não é um segredo para uns poucos íntimos* (PANAZZOLO, 2006, p.139). Porque *a luz não faz sentido se está escondida; ela existe para ser vista por todos e para iluminar os caminhos de todos e em todo o mundo* (PANAZZOLO, 2006, p.139). Desse modo, Francisco recorda que

na Sagrada Escritura, como se vê, a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco. Ele não se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável. Aliás, o amor nunca poderia ser uma palavra abstrata. Por sua própria natureza, é vida concreta: intenções, atitudes, comportamentos que se verificam na atividade de todos os dias. A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós (FRANCISCO, 2015).

Com o Ano Santo da Misericórdia, o Papa renovou o compromisso da Igreja de oferecer misericórdia a si mesma e aos outros, assumindo o compromisso pastoral fundamentado na ternura, anunciando e testemunhando ao mundo o amor misericordioso de Deus, porque *a credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo [...] O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança* (FRANCISCO, 2015).

### **3.2. Igreja, lugar da comunhão fraterna.**

Na *Evangelii Gaudium* (cf. n. 99), o papa Francisco se dirige aos cristãos de todas as comunidades do mundo, pedindo-lhes, de modo especial, um *testemunho de comunhão fraterna*, que se torne fascinante e resplandecente.

A missão antes de ser tarefa é *comunhão*. A pessoa é relação. É vida vivida, na inter-relação, no amor, na comunhão. Somos imagem de Deus, que é comunhão e amor. A missão radica-se, profundamente, no Mistério da Trindade de Deus. No Deus, cuja essência consiste em se comunicar, em se doar completamente. Missão é primeiramente a *Missão de Deus, a vida de Deus*. É a vida, a obra divina, o plano de Deus. Somos criados por Deus. *Nele existimos, nos movemos e somos* (PANAZZOLO, 2006, p. 90)

Diante do testemunho da comunhão fraterna, o desejo de Francisco é que todos possam se admirar como os cristãos vivem e se preocupam uns pelos outros, e por isso recorda o pedido de Jesus que deseja *que todos sejam um só (...) em nós [para que] o mundo creia (Jo 17,021)*. Porque *cada ato de amor fraterno significa o Reino de Deus acontecendo, a vontade de Deus sendo realizada, o mundo se tornando mais humano e cristão* (MIRANDA, 2017, p. 169).

A igual dignidade de todos os batizados abre espaço para a comunhão de todos no mesmo Espírito (2 Cor 13,13), do qual todos recebem seus carismas a serem investidos na realização do Reino de Deus. A *comunhão* pressupõe mútua colaboração, mútua escuta, mútuo discernimento, mútua participação entre os cristãos. De certo modo, todos são docentes e discentes (MIRANDA, 2017, p. 171).

No espírito de comunhão fraterna, todos podem aprender e ensinar, porque comunhão gera comunhão, uma vez que a comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetraram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de *a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a*

*missão é para a comunhão* (cf. *Christifidelis Laici*, n. 32). *Como nos faz bem, apesar de tudo, amar-nos uns aos outros! Sim, apesar de tudo! [...] Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno* (EG n.101). É o pedido do papa Francisco.

### **3.2. Igreja, lugar da promoção humana.**

Na feição de Igreja do papa Francisco, a promoção humana tem lugar primordial. Porque, segundo ele, a partir do coração do Evangelho, podemos reconhecer a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora (cf. EG n.178).

A palavra de Deus ensina que no irmão está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós. [...] a caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja. [...] Assim como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove (EG n. 179).

Tudo isso expressa o desejo mais profundo de Francisco, de que todos os cristãos, incluindo os pastores, se preocupem com a construção de um mundo melhor (cf. EG n.183). Por isso ele convida cada cristão e cada comunidade a ser instrumento de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente à sociedade (cf. EG n.187). Porque, para Francisco, *um ser humano é sempre sagrado e inviolável, em qualquer situação e em cada etapa do seu desenvolvimento* (EG n.113). O Papa ressalta que só pode ser missionário quem se sente bem procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros. Ele ainda afirma que o amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus. *Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo* (EG n.272).

### **Considerações finais.**

A escolha da sequência para apresentar aqui a feição da Igreja do papa Francisco – o pobre, a missão e a acolhida – não se deu por qualquer motivo, mas por considerarmos o *pobre* como o principal destinatário da *missão* que a Igreja deve assumir, abrindo suas portas para *acolher* a todos, sem ressalvas ou reservas, em especial os menos favorecidos da sociedade, considerados por Francisco os principais destinatários da missão da Igreja.

O papa Francisco tem consciência das exigências que o tempo presente impõe à Igreja, e ao mesmo tempo, não permite que se perca de vista a história em que a Igreja se impôs no *tempo*. Porque, como afirma Miranda (2017, p. 55), *a história é fundamental para compreender a sociedade e a Igreja em que vivemos*. A postura de Francisco é de orientar a Igreja a fim de que ela seja a mais fiel possível no seguimento de Jesus, e, portanto, não corra o risco de se afastar da sua principal missão que é estar ao lado do Deus de Jesus Cristo que ama qualquer pessoa e que tem a predileção pelos últimos, pelos pobres.

Ainda que alguns, que não comungam totalmente do pensamento de Francisco, queiram, às vezes, categorizar a opção pelos pobres como ideologia, para o Papa esta é uma categoria teológica, que busca a libertação e a promoção dos pobres e excluídos, em consonância com as exigências do Evangelho. Desse modo, o Papa assume a fé em Cristo Jesus que, *sendo rico, se fez pobre* (2 Cor 8,9). Cuidar dos pobres é, portanto, um dever da Igreja, faz parte da sua missão e disso Francisco não abre mão, mesmo que para isso tenha que sofrer acusações de que está a promover a *teologia da libertação*, que segundo Boff, é uma acusação irrelevante, pois o mais importante são as ações de libertação promovidas pelo Papa. Essa é uma opção que faz parte mesmo da identidade constitutiva da Igreja.

Diante do espírito missionário, a Igreja precisa *sair*, sair para evangelizar, sair também da *rigidez autodefensiva*, para ir ao encontro das *periferias existenciais*, abrir suas portas para que a mensagem do Evangelho chegue a todos, sem exclusão, porque na Igreja de Jesus Cristo e de Francisco, todos podem participar de alguma forma, sem medo, porque ser cristão não é privilégio de alguns, mas é graça de Deus que, por meio de seu filho Jesus, se estende a todos, indistintamente. Por isso, devemos fazer da Igreja lugar de comunhão e de promoção humana, a fim de que todos possam integra-se à sociedade e fazer comunhão com a Igreja de Jesus Cristo.

Quando defendemos aqui a feição de uma Igreja pobre, missionária e acolhedora, não queremos limitar o pontificado de Francisco a essas três categorias, sabendo-se que muitas outras características podem ser vislumbradas, mas o que foi aqui apresentado, é o que consideramos de mais profundo e importante dentro da feição da Igreja por ele proposta, que muito tem surpreendido o mundo com o seu modo simples e direto de anunciar o Evangelho.

## Referências bibliográficas

- BOFF, L. *Papa Francisco e a Teologia da Libertação*, 2013. <https://leonardoboff.wordpress.com/2013/04/26/papa-francisco-e-a-teologia-da-libertacao/> Acesso em 6 de fev. 2018.
- CARIAS, C. P. e CRUZ, A. de J. *Outra teologia é possível, outra Igreja também*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulus / Loyola, 2015.
- FRANCISCO. *Encontro com os representantes dos meios de comunicação social*, 2013. [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130316\\_rappresentanti-media.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html) Acesso em 2 de fevereiro de 2018.
- FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial dos Pobres*, 2017. [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papafrancesco\\_20170613\\_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papafrancesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html) Acesso em: 3 de fevereiro de 2018.
- FRANCISCO. *Misericordiae Vultus: Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia*, 2015. [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html) Acesso em: 3 de fevereiro de 2018.
- GUTIÉRREZ, G. *A verdade vos libertará*. São Paulo: Loyola, 2000.
- JOÃO PAULO II. *Christifidelis Laici*, 1988. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jpii\\_exh\\_30121988\\_christifideles-laici.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jpii_exh_30121988_christifideles-laici.html) Acesso em 13 de fevereiro de 2018.
- AQUINO JUNIOR, F. de. *Uma Igreja pobre e para os pobres: abordagem teológico-pastoral*. Revista Pistis & Praxis, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 8, n. 3, 2016, p. 631-657.
- LIBÂNIO, J. B. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014.
- LIBÂNIO, J. B. *Os Carismas da Igreja do Terceiro Milênio: Discernimento, desafios e práxis*. São Paulo: Loyola, 2007.
- LIBÂNIO, J. B. *Teologia da libertação: roteiros didáticos para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987.
- MIRANDA, M. de F. *A reforma de Francisco: fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- PANAZZOLO, J. *Missão para todos: Introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- PASSOS, J. D. *A Igreja em saída e a Casa Comum*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- PASSOS, J. D. *Concílio Vaticano II: Reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014.
- QUEVEDO, L. G. *Papa Francisco: o novo rosto da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2015.